

Luzes do Mundo

O presidente Fernando Henrique fez história na viagem à Europa encerrada ontem. Começou por Madri, onde, com emoção e ousadia, defendeu uma nova ordem econômica mundial e novos figurinos para o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização das Nações Unidas. Questionou o peso excessivo que se dá ao G-7 (a reunião dos sete grandes) e pediu que seja ampliada a representação no Conselho de Segurança da ONU. O discurso repercutiu de tal maneira que o primeiro-ministro britânico Tony Blair o convidou para passar o fim de semana em sua casa de campo, em companhia de ilustre convidado, o ex-presidente dos EUA, Bill Clinton. Prova ainda maior de prestígio viria na última escala, em Paris. Primeiro chefe de estado da América Latina a discursar na Assembléia Nacional da França, Fernando Henrique foi aplaudido de pé pelos parlamentares e ministros franceses, pela viva impressão que o discurso deixou à esquerda e à direita.

Comenta-se com frequência que Fernando Henrique tem gosto pela diplomacia presidencial. O presidente sente-se bem nos contatos internacionais, desbravando temas inóspitos e abrindo portas ou aparando arestas para a ação posterior do Itamarati. É verdade, mas é pouco. O Brasil nunca viu nada parecido com o sucesso internacional do seu mais alto mandatário. A ação diplomática de Fernando Henrique é inigualável. O jeito de ser cordial e educado faz dele homem de muitos amigos e facilita certamente o convívio com dirigentes de outros países. Goste-se ou não do presidente, não há como negar o fascínio que exerce nos interlocutores sua formação intelectual e acadêmica. Além do domínio do inglês, do francês e do espanhol, possui cultura de primeiríssimo nível, com nítida influência humanista. Um homem do mundo.

Para quem tem dúvida, basta ler o discurso de Fernando Henrique perante a Assembléia Nacional da França. A abertura, *noblesse oblige*, traz a marca da gratidão. Fernando Henrique cita o legado que pensadores franceses, como Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss e Fernand Braudel, deixaram na Universidade de São Paulo e revela que aprendeu sociologia com George Friedman e Alain Touraine. Lembra que o exílio o levou a Paris nos anos 60 e que viveu os dias libertários de 1968. Refere-se a outros autores, Claude Lévi-Strauss, Castoriadis, Raymond Aron, e revela que se matriculou na École des Hautes Études e, depois, no Collège de France, "por generosidade de Michel Foucault". Para os parlamentares e ministros franceses, a longa reminiscência soou como música dos deuses. A nota mais forte veio com a conclusão sobre a lição recebida nos anos de exílio: "A França, sempre identificada com os valores universais, para mim se tornou sinônimo de pluralismo, ideal que é muito caro, como a todos os brasileiros, produto que somos da integração contínua e duradoura de diferentes culturas".

Uma constante nos discursos de Fernando

Henrique, a introdução pessoal e emotiva costuma abrir espaço para ferir o ponto que interessa. Em Paris, não foi diferente. Depois das referências obrigatórias à autodeterminação dos povos e ao combate às desigualdades, abriu-se a ocasião para mandar aos países desenvolvidos uma mensagem de extrema importância, em meio a citações de Camus e Montesquieu. Para o governo brasileiro, tornou-se cansativo ouvir falar de livre mercado ou das benesses da globalização sem que se estabeleçam condições mínimas de equidade comercial. Após ressaltar que a associação entre o Mercosul e a União Européia pode vir a ser um padrão de convivência, Fernando Henrique pôs o dedo na ferida: "Cumpra-se estar atento ao princípio de equidade. Aos ganhos de um lado deve corresponder o atendimento às expectativas do outro".

A mensagem não é cifrada, é cristalina. "Se acreditamos de fato no livre comércio, cabe ao Mercosul e à União Européia a adoção de medidas efetivas contra o protecionismo", disse o presidente. Mas fez questão de, polidamente, não concentrar a bateria nos subsídios e nas barreiras alfandegárias francesas: "O preço desta mudança não deveria ser pago apenas pela França, uma vez que outros países mais poderosos continuam a subsidiar fortemente seus produtos agrícolas". Onde está dito outros países, leia-se Estados Unidos da América. A menção ao protecionismo americano não poderia ser mais oportuna, pois o mundo desenvolvido não reza pela mesma cartilha. A União Européia tem demonstrado maior flexibilidade em relação às demandas dos países emergentes. E também olha com estranheza o ilimitado apoio financeiro que o governo americano vem dando aos setores da economia que entraram em crise depois dos atentados de 11 de setembro. Pergunta-se na Europa: os EUA não criticavam o intervencionismo dos países europeus na vida empresarial? E agora? Como explicam o renascimento de lord Keynes?

Cabe aos países em desenvolvimento aproveitar as visões distintas que reinam no mundo desenvolvido. E Fernando Henrique se mostra sensível ao momento. É hora de cobrar simetria de oportunidades. Sem relações comerciais justas e equilibradas, a globalização servirá a muitos fins e senhores, mas não contribuirá para reduzir as desigualdades regionais. Na França, Fernando Henrique deu o brado de alerta: "Se é certo que a globalização aproxima mercados e sistemas produtivos, não é menos certo que a paz no mundo depende da difusão de uma ética da solidariedade".

O que se viu em Paris foi Fernando Henrique Cardoso utilizar com enorme habilidade os recursos da diplomacia presidencial. A partir do êxito da viagem à Europa, cresce a expectativa sobre o discurso que o presidente da República fará na abertura da 56ª Assembléia-Geral das Nações Unidas, no dia 10 de novembro. Queira ou não a oposição, as atenções do mundo se voltaram para o Brasil graças ao talento de Fernando Henrique para a diplomacia. Um fato histórico.